

## **Bento de Jesus Caraça: Cultura e emancipação, um problema ainda do nosso tempo**

Texto de Helena Neves

Há cem anos, nasceu uma criança do sexo masculino que, diriam mais tarde as velhas mulheres, parecia fadada por uma estrela. Estrela, sem dúvida, contraditória. Porque, se cedo se evidenciou que a sua sorte seria diversa daquela a que a origem social o destinava, e a sua vida se afirmou, desde a infância, como conquista de espaços cada vez mais amplos, o seu tempo seria breve. Ao morrer, 47 anos depois, o adulto que foi esse menino diria “*tão pouco tempo...*” Tempo breve mas intenso. Marcando a sua época. E a nossa ainda.

Foi em Vila Viçosa, uma das mais belas vilas alentejanas, entre sobreiros e azinheiras e melancólicas charnecas, marginada por verdes olivais e “tantos montes juntos”, pontuada de paços, conventos, igreja e capelas, com uma população de “pocas almas” para tão intensa presença religiosa.

Era primavera, cruzando a vila, avenidas quietas de laranjeiras, quando numa dependência para trabalhadores rurais da Casa de Bragança, integrada no Convento das Chagas, na rua dos Fidalgos, quase pegada ao Paço Ducal, nasceu, a 18 de Abril de 1901, a criança que se chamaria Bento de Jesus, por cruzamento de acasos: uma vida recém-nascida quase em risco, uma mãe aflita a querer salvar-lhe a alma em caso de desgraça, um padre prestável e imaginativo a nomeá-lo Bento de Jesus. Do pai recebeu o apelido Caraça. Bento de Jesus Caraça foi seu nome. Mais tarde, Bento Caraça ironizará em resposta a uma crítica ao seu trabalho em *O Diabo*, jornal da frente intelectual mais radicalmente oposicionista e plataforma do movimento neo-realista. “*Um articulista de Beja descobriu numa hora de ócio que há uma quase contradição entre o meu nome tão católico (sic) e o meu ingresso nas hostes diabólicas (re-sic). Que quer amigo? Fui baptizado à pressa e com um escasso mês de idade. Razões por que se julgaram dispensados de me consultar...»*

Os jornais não falaram do seu nascimento. Haveriam de falar da sua morte quarenta e sete anos depois, apesar do tempo ser de palavras censuradas, reprimidas.

Levado aos dois meses, pelos pais, para a Aldeia de Montoito, no Redondo, onde o pai é feitor da Herdade da Casa Branca, dá aí os primeiros passos e aprende, com uma

facilidade surpreendente, aos 4 anos, as primeiras letras ensinadas por um trabalhador errante, que trazia, no pouco de seu, uma cartilha escolar. Bento Caraça nunca esquecerá o homem que, numa estação de trabalho sazonal, o faz revelar como um menino diferente. Nos anos trinta, José Percheiro, recolhido num asilo para velhos em Alcobaça, agradece-lhe as camisolas enviadas e “*todo o bem que o Senhor Doutor me tem feito*” e em jeito de pedido, confessa que lhe “*custa mais não ter um tabaquinho que fume*”

A inteligência e a sensibilidade tão precocemente revelada salva-o da fatalidade da reprodução do destino familiar de classe. Impressionada com a inteligência do menino, a senhora da herdade, D. Jerónima de Albuquerque, torna-se “sua protectora”: assim assinará as cartas e postais que lhe escreve, até morrer, para os diferentes lugares para onde o envia a aprender a ser diferente: um homem culto.

Nasce Bento nem tempo inquieto, num país económica e desigual: mais de 83 por cento dos portugueses habita nos campos, 66 por cento vivem, ou antes, sobrevivem da agricultura: camponeses, proletariado agrícola – menos de 10 por cento da população dos campos – e semi-proletariado rural. Os trabalhadores rurais ganham cerca de 200 reis por dia de trabalho que chega a durar 17 horas. “*Grande é a penúria em que se encontra a população rural. A pelara ou doença da fome já atacou os nossos mal alimentados camponeses*”, diz o *Diário de Notícias*, em Janeiro de 1906.

No norte, espaço de pequena propriedade, agricultores e rendeiros espoliados trabalhando de estrela a estrela. No sul, o Alentejo, longas planícies, horizontes nostálgicos, alguns montes, poucas cidades, trabalhadores sem terra com fome de trabalho, agreste a exploração quer de gente de dentro quer de gente de fora, os ratinhos, que fazem baixar as jornas e rarear ainda mais o trabalho. De vez em quando explodem assomos de revolta, bandos de mulheres, pressionadas pelo choro dos filhos, a invadirem os latifúndios, roubando bolota aos gritos “*Deus está com os pobres*”.

Do norte, do sul, do interior, do litoral de pescadores explorados em terra e tantas vezes naufragados, mudam-se cada vez ,mais gente , que mudando-se, muda o país .

Algumas zonas adensam-se de fábricas e de operários: 673 mil, 22% da população activa, em 1911, concentrando-se em Lisboa, Porto e Setúbal. Regiões como a Covilhã e parte do Algarve surgem como ilhéus de uma indústria **ainda incipiente** movida por uma força de trabalho semi-proletária, semi--campesina. No espaço urbano, em Lisboa e no Porto, acentua-se o crescimento demográfico, e domina uma burguesia enriquecida por via do investimento em acções e em rendas imobiliárias, atenta às potencialidades das

colónias. O processo de urbanização, fez surgir uma população empregada em crescendo: o sector de serviços passa de 419 mil (15% do total da população activa) para 536 mil em 1911 ( 17 % da população activa).

Pelos lugares em que a burguesia alarga o campo de iniciativa e se adensa a mancha de proletarização, emergem sinais de descontentamento, vislumbres de conspiração.

Em 1901, ano de nascimento de Bento Caraça, a contestação estudantil paralisa a vida académica nas universidades do Porto, de Coimbra e na Politécnica de Lisboa. O Partido Socialista Português e o Partido Republicano reúnem-se em congressos. Sucedem greves de tecelões, serralheiros, marceneiros. O I Congresso de Operários da Indústria Têxtil e o I Congresso Operário Galaico-Português juntam um proletariado inresignado. A Sociedade Voz do Operário atinge mais de 30 500 associados. Editam-se novos jornais. Muita desta imprensa emana de associações operárias em crescendo: em 1909, registam-se 135 associações de classe com cerca de 27.000 membros: em Lisboa, Porto e arredores Setúbal e, com menor representatividade, seguem-se a Póvoa de Varzim, Lagos e Almada. A Sociedade Voz do Operário atinge mais de 30 500 associados.

Insinua-se uma geografia de revolta. Que passa pelo urbano. E particularmente por Lisboa alma do território, eixo de atracção e polarização de variadas gentes que mudando-se, mudam e mudam o país.

Em contínuo crescimento populacional, o litoral é percorrido pelos movimentos dos que chegam do interior. Os que ficam e os que estão apenas de passagem na esperança de terras menos avaras.

Em 1912 verifica-se a maior quota oficial de emigrantes, 88 929 mil, numero sempre assumindo “proporções assustadoras”. *Portugal está reduzido a um país que exporta gente*” escreverá Carlos Malheiro numa debandada apenas reduzida de 1914 a 1918, anos da guerra. Daí a baixíssima taxa de nupcialidade, certa quebra da natalidade, e feminização e o envelhecimento populacional, fenómenos mais atenuados a sul do Tejo. É, pois, uma população maioritariamente constituída por não naturais, a que se fixa na capital: em 1911, em 431 738 habitantes de Lisboa bem mais de 100 mil são de origem exterior ao distrito, número em crescendo.

Trabalham duramente e homens e mulheres que engrossam a cidade, as fábricas, os estaleiros, as oficinas. Longas horas: 16, 14, 10 horas. Ganham mal, cerca de 400 réis. Comem pior: em 1909, uma média de 50 gramas de carne por dia, "menos que a ração dos presos em França e na Alemanha", o que significa que raros a comem e quase todos

se ficam pelo caldo, pão e batatas. Muitos mendigam. Anunciam alguma perigosidade. Em 1905 entra em vigor o Regulamento Policial dos Mendigos da cidade de Lisboa. Abrangendo as toleradas, as prostitutas, muitas adolescentes: a espantosa taxa de 3,3 por cada 1000 habitantes em Lisboa, em 1900.

A gente que alimenta a indústria e até os pequenos serviços é confinada a manchas da cidade e seu redor. É que, para além da Baixa, Chiado, da Lapa, do Príncipe Real, de Santa Ana, centros que se modernizam arquitectonicamente e se mundanizam, verificam-se ocupações do território, definindo um outro perfil socio-urbanístico: as vilas operárias (de que são sucedâneo as "ilhas" do Porto com 12 000 casebres em 1910) e uma mancha suburbana, a cintura industrial, periferia em esboço habitada por grupos sociais distintos: o operário industrial, o artesão, os pobres, os sem emprego. Arrumada numa estratégia (in)consciente ditada pela ideologia da grande burguesia que tende a julgar o proletariado como classe incómoda e potencialmente perigosa.

Sê-lo-á. Em luta contra os seis governos de *“uma monarquia sem monárquicos”*, sucedendo-se de 1908 a setembro de 1910. Fazendo Lisboa respirar conspiração, revolta. Os panfletos *“surgem do solo como cogumelos”*, dirá João Chagas, em 1909. Em julho de 1910, Lisboa assemelha-se *“a um peru recheado de dinamite”*.

Ao impulso da luta operária e da pequena burguesia pela República juntam-se outras classes e grupos sociais, organizados uns, desenraizados outros, num mesmo momento unidos pela esperança quase messiânica, em que a República surge como a *"Terra Prometida"*. Ouve-se de variada gente: *"Quando vier a República..."*. Os mais pobres, o proletariado urbano e semi-urbano, os desempregados, acreditam que *"trará bacalhau a pataco"*.

Perigosa ainda em 1910, fazendo vingar o 5 de Outubro de 1910, momento único em que operários *“velam pela segurança dos bancos e se vê "burgueses a encomendar bombas e proletários a manejá-las"*, saudando a implantação da República, como a mudança ansiada, a mudança não apenas possível mas também a mudança necessária.

Depois em ruptura com o governo da República, em amarga decepção. Apesar das reformas e transformações significativas em alguns domínios, a instabilidade crescente traduziu o fim das ilusões, a divisão entre o governo republicano e o povo, a burguesia e o proletariado, os ideólogos no poder e os grupos operários sindicalistas. Este divórcio, fatal para o regime, exprime-se através de greves: *“só em 1911, cento e noventa e três!”*, e escreve-se na imprensa, nas canções sociais – *“Fui herói porque esqueci/Meu dever de escravizado/Descalço, roto, esfaimado/Os bancos*

*eu defendi/Bem cedo me arrependi*<sup>1</sup>”.

A desilusão será profunda, particularmente entre o proletariado industrial. À agitação sindicalista, que irrompe reactivamente às frustadas expectativas de melhoria sensível das condições de vida, às greves responde o poder com medidas repressivas. O movimento operário cresce extensiva e intensamente. A organização sindical abrange mais classes e lugares centrando-se em Lisboa, Porto e Coimbra. Em 1914, cria-se a União Operária Nacional que, em 1919, dará origem à Confederação Geral de Trabalho, CGT.

Foi "*curta e efêmera a lua de mel do povo com a República*"<sup>2</sup> Na realidade, a estrutura económica classista não é abalada, antes se reforça. Fernando Pessoa escreve em *O Jornal*, a 8 de Abril de 1915: "*Quando fizemos uma «Revolução» foi para implantar uma causa igual ao que já estava*"<sup>3</sup>. Intensifica-se a contestação social, o conflito entre "*esse povo que quer emancipar-se e essa República que quer oprimir, a luta social do indivíduo contra o Estado, do salário contra o capital, a luta de classes, a única e esclarecedora luta*"<sup>4</sup>

Em Vila Viçosa, poucos os ecos da agitação, ainda que sobressaltada por desavenças entre progressistas e regeneradores, desavença que envolve as filarmónicas, saindo vitoriosa a banda União Calipolense de João Maria Espanca, pai da poetisa Florbela Espanca e de Apeles. O som da banda e dos sinos das várias igrejas envolvem a meninice de Bento que, morando em casa da protectora, D. Jerónima Albuquerque, faz a escola primária e de 1911 a 1914 frequenta o Liceu Sá da Bandeira, em Santarém.

No verão de 1914 vem Bento para Lisboa ao cuidado de António Romeu por incumbência da protectora. Em 1915, entra no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, espaço de descoberta de amigos, como Luís Dias Amado, tornado quase irmão, e Carlos Botelho, pintor da cidade e dos seus entardeceres, espaço de encontro com Maria Octávia, amor profundo e sofrido da sua vida, com quem casa em Dezembro de 1926, falecida aos 27 anos, vítima de tuberculose, a 18 de Setembro de 1927; e limiar de um combate em que política e cultura constituem uma mesma matriz.

Em Julho de 1918, Bento de Jesus Caraça conclui o curso liceal, aprovado com a classificação de 19 valores, com distinção e entrara no Instituto Superior do Comércio,

---

<sup>1</sup> *Canções Sociais* cit. por Jacinto Baptista, *O Cinco de Outubro*, Arcádia, Lisboa, 1964, p.308.

<sup>2</sup> Joaquim Madureira, op. cit., p.311.

<sup>3</sup> Joaquim Madureira, op. cit., p.311

<sup>4</sup> Joaquim Madureira in Jacinto Baptista, op. cit. p.311.

designação ao tempo do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, actualmente Instituto Superior de Economia e Gestão.

É mais um ano de grande perturbação social. Os efeitos da guerra, o desemprego, a carestia, a crise do abastecimento, o açambarcamento a tensão social em crescendo, a desigualdade social mais profunda: grandes fortunas dos «Conde Barão», que a guerra engorda como um peru de Natal, e a maioria da população com a fome instalada nos lares operários, insinuando-se entre a pequena burguesia, com as longas bichas para o açúcar, a batata, a manteiga, o tabaco, vigiadas pela polícia. Com a ditadura de Sidónio Pais, a repressão ao movimento operário é brutal. Revoltas e tentativas revolucionárias sucedendo-se. Sons de sobressalto a que Lisboa já se habituará. Como escreve Raul Brandão em janeiro de 1918, quando da insurreição antisidonista dos marinheiros da Armada: *“Tiros lá para o rio. Os marinheiros revoltaram-se. Cerram-se os taipas a toda a pressa e às dez, onze horas, começam as descargas no silêncio da cidade mergulhada em trevas. De manhã é o canhão que fala. A fuzilaria dura até à uma hora. Andam soldados, em bandos, armados pelas ruas, quase desertas. Mas logo depois dos tiros, Lisboa, já habituada, sai para a rua. À noite enchem-se os animatógrafos e os teatros”*. Num comício no Parque Eduardo VII, **centenas** de operários reivindicam a nacionalização dos meios de produção e dão vivas ao poder soviético. Em dezembro, Sidónio Pais é assassinado ao sair da Estação do Rossio. Os monárquicos envolvem-se em intentonas a que de imediato, operários, pessoal dos serviços, militares, estudantes. Embora falhada, a greve geral de novembro de 1918 contribuiu para o manifesto reforço do movimento operário a partir de 1919, através da expansão da imprensa operária, das associações e da discussão ideológica acesa entre os anarco sindicalistas, tendência dominante, os maximalistas da Federação Maximalista Portuguesa, constituída em Maio de 1919, e os sindicalistas, ainda escassos, da corrente do PCP, fundada em finais de 1920. Mas a direita ganha espaço e influência no contexto de uma República cada vez mais fragmentada de apoios.

Em Fevereiro de 1919, no segundo ano do curso de Economia, escreverá Bento numa folha de papel que encontramos no seu espólio: *“hei-de ser o primeiro aluno do meu curso”*. Sê-lo-á. Nesse mesmo ano, o professor Mira Fernandes, insigne matemático, recomenda a sua nomeação como 2º assistente temporário do Instituto para as cadeiras de Álgebra Superior e Geometria Analítica, 1º grupo. Licencia-se em Outubro de 1923 com “bom com distinção”, em 1924 passa a 1º assistente, em 1926 entra para a

Comissão de Redacção da *Revista de Economia*, em 1927 é nomeado professor extraordinário e em 1929 é professor catedrático. A sua carreira revela-se fulgurante. Com ele e através dele, a matemática torna-se um universo diferente, fascinante. Quer pelo seu estilo pedagógico, quer pela paixão que imprime e comunica na divulgação da matemática. Sucede algo de inusitado no Instituto. Alunos de outras turmas, de outras faculdades, de outro âmbito escolar, até de ciências humanas, afluem às suas aulas. As aulas inaugurais de início do ano escolar tornam-se um acontecimento cultural, um ritual de passagem. Este professor que transforma o olhar sobre uma matéria até considerada inóspita, este homem que vê no rosto dos alunos o estado de ânimo e os interpela pessoalmente, os consola e aconselha, este homem irónico e meigo, é, porém, extremamente rigoroso, exigente. Os alunos parodiam as iniciais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras: «Isto sem o Caraça era fácil»

A 28 de Maio de 1926, sucedera o golpe que instaura a ditadura militar. Num contexto de eclosão dos fascismos na Europa, que se verifica desde 1923, e de uma oposição dispersa, desunida, o novo regime autoritário instala-se, apodera-se do país, cerceando as liberdades de associação, expressão e reunião, desmantelando as organizações operárias, interditando os partidos. Em 1932, Salazar assume a chefia do governo. Em 1933, ano da consolidação, é promulgada a Constituição Política; criam-se os “tribunais especiais para crimes políticos” e a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado; em 1934, realiza-se o I Congresso da União Nacional, associação cívica e não partido, como esclarecerá Salazar; abre a Colónia Penal do Tarrafal, que será um campo de morte.

De agitada antes, nas constantes lutas e revoltas contra a república desorientada e moribunda, a cidade transforma-se, cada vez mais, em cidade vigiada. Os sinais do poder do Estado Novo inscrevem-se nas ruas, com a propaganda, com os passos furtivos, os olhos policiais que espionam cada gesto, cada movimento de lábios, com os desfiles das organizações do regime sucessivamente criadas como base de apoio e frente ideológica: a Obra das Mães para a Educação Nacional, a Mocidade Portuguesa, a Legião Portuguesa.

Penetra nas casas este poder, a rádio como veículo de uma cultura de domínio, de autoridade. Escreve-se nas letras dos livros, desde a instrução primária, exibindo Salazar

como nosso pai, o salvador da Nação, Até à literatura cuidadosamente censurada. Pelas ruas, nos lares, na escola, na arte e na cultura oficiais, imperam e impõem-se as “lições de Salazar”. Durante anos e anos. Anos de chumbo.

Para o grupo social dos intelectuais de esquerda, dos anos trinta e quarenta, num leque vasto que vai de republicanos, mais ou menos radicais, seareiros, a marxistas, as armas da crítica têm um alvo político directo, a ditadura salazarista. Se divergem ideologicamente e se opõem, frequentemente, na concepção táctica e estratégica, o seu alvo é o mesmo: o derrube do autodesignado “Estado Novo”. Toda a inteligência oposicionista esgrime contra a situação de miséria social e cultural, para cuja mudança a cultura é tão mais fundamental quanto o salazarismo investiu ideologicamente no obscurantismo, nomeadamente por via da “*Escola, oficina de almas*”, e, de forma mais refinada, da “*Política do Espírito*” que, sob o impulso inteligente de António Ferro, mobilizou mesmo alguns intelectuais não fascistas.

É pois num contexto de condicionamento cultural, fortemente repressivo, agindo nas consciências e nos actos pela censura e pela interdição das liberdades de reunião e de associação, que Bento de Jesus Caraça sobressai num grupo de outros importantes combatentes. E todos os planos da sua vida se inserem num mesmo combate.

Como professor e como divulgador, Bento Caraça introduz uma ruptura fundamental. A renovação pedagógica e epistemológica do livro *Os Conceitos Fundamentais da Matemática*, editado em 1941, segunda obra editada pela Cosmos, ofusca outras obras de Bento Caraça. É o caso de *Lições de Álgebra e Análise*, cuja publicação em 1935, marca o ensino da matemática em Portugal. Este paradigma novo, a que o fascismo é totalmente adverso, recupera a historicidade da produção científica, o elo intrínseco entre a vida humana, a ciência, a cultura. Tal transparece no domínio da econometria que Bento Caraça introduz na investigação académica. Em consequência, cria, em 1938, com Mira Fernandes e Caetano Beirão da Veiga, o Centro de Estudos Matemáticos aplicados à Economia que dirige até 1946 data da sua demissão compulsiva. Impulsionará, também, o Movimento Matemático que, entre 1937 e 1947, que congrega matemáticos, físicos e químicos, numa linha de investigação inovadora, criativa, em consonância com a investigação internacional. Caraça encontra-se entre os primeiros académicos que constituem, em 1940, a Sociedade Portuguesa de Matemática, cuja comissão Pedagógica dirige, e na qual se destaca entre os fundadores da *Gazeta da Matemática*, a primeira revista portuguesa de divulgação matemática. Impulsiona o lançamento da *Revista de Economia*, publicada a partir de 1948. No biénio de 1943/44



desempenha o cargo de Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Matemática.

O mérito científico do seu pensamento matemático será reconhecido internacionalmente. Em 1942, 1944, 1946 é delegado da Sociedade Portuguesa de Matemática aos congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências.

Em todo este processo colaboram os mais importantes intelectuais, matemáticos, economistas, físicos: António Aniceto Monteiro, Hugo Baptista Ribeiro, José da Silva Paulo, Manuel Zaluar Nunes, Augusto de Abreu, Armando de Castro, J. A. Largo, J. Remy Freire, Virgínia Moura, Nuno Fidelino Figueiredo, Morbey Rodrigues, Costa Leal, Costa Miranda, Amaro Guerreiro, Ulpiano da Fonseca Nascimento, Ruy Luís Gomes, Manuel Valadares, Aurélio Marques da Silva, Manuel Teles Antunes, António Silveira entre outros.

Se na matemática Bento de Jesus Caraça opera um corte epistemológico transversal a todo o domínio científico, no plano cultural constituirá, como salienta Eduardo Lourenço, uma referência constante na sua própria geração e na que se lhe sucede. Quando dizemos “obra”, significamos não apenas a vasta produção teórica, mas as práticas que protagoniza e incentiva. O que se trata é de *praxis* revolucionária, uma *praxis* em que combate cultural e político coincidem, no puro sentido do jovem Marx, filosofia, cultura, comprometidas na mudança do mundo.

Desde estudante da Instituto, no impulso de criação da Universidade Popular Portuguesa, UPP, inaugurada a 27 de Abril de 1919, com sede na Cooperativa Padaria do Povo, na Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, com uma conferência de Leonardo Coimbra e a presença do chefe de Estado e do Ministro da Instrução Pública. Inserida no projecto das universidades livres promovido por republicanos, anarquistas, socialistas e maçons, no âmbito europeu, particularmente em França, a Universidade Popular Portuguesa, sob a direcção de António Augusto Ferreira de Macedo, visa contribuir para a instrução geral do povo e a educação social, numa perspectiva iluminista e utópica, que sob direcção de Caraça se radicaliza. É no próprio ano de fundação da Universidade que Bento, aos 18 anos, estudante e assistente do Instituto Superior do Comercio, eleito membro efectivo do conselho Administrativo, integra os corpos gerentes de 27 membros: nove professores, sete operários, os restantes das profissões liberais. É notável o trabalho e influência da UPP no meio laboral e intelectual, popular, através das Secções criadas desmultiplicando a actividade,

cruzando cursos, com uma biblioteca de 10 000 exemplares, conferências, debates: Secção I, a própria sede, Secção II na Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, Secção II no Barreiro, Secção IV, V e VI nas Associações do Pessoal do Arsenal do Exército e no Sindicato Único da Classe dos Chapelheiros. Em 1921, a UPP edita a revista *Educação Popular*, e inaugura uma biblioteca com 10 000 exemplares. Será na Secção do Barreiro que se instala a 1ª Biblioteca móvel 40 volumes catalogados tematicamente: *Crianças; Literatura; Educação Moral; Ciências*. Seguem-se bibliotecas dos Sindicatos Metalúrgicos, Chapelheiros Construção Civil e Juventudes Socialistas.

Desde logo o jovem Caraça se distingue. Fernando Pessoa, morador quase lado na Rua Coelho de Rocha, passando, por vezes, pela UPP, discreto, silencioso, quase cozido com as paredes, escreverá sobre Bento. “*Ele era um camponês que andava preso em liberdade pela cidade*”.

Em 1928, Bento Caraça é eleito presidente da Comissão Administrativa da U.P.P. e sucessivamente reeleito até 1936, data a partir da qual cessam os actos eleitorais como defesa da possível manipulação pelos mecanismos de vigilância e de infiltração do regime. Ocupará o cargo da presidência até à morte e, sob a sua direcção, a Universidade constitui um campo único de vanguarda cultural e política. Sob a sua direcção a UPP, a de maior duração no país, resistindo ao desmantelamento geral prosseguido pelo governo, constitui-se como um dos territórios da cultura enquanto práxis, um terreno de formação da consciência necessária para que a classe operária possa cumprir o seu destino, para além do momento da revolução que sem a preparação cultural dos seus autores fundamentais, os trabalhadores seria autofágica, como expressa numa das sua primeira intervenção no Conselho Administrativo. Na UPP, sob o seu impulso, traça-se uma rede de cooperação com várias organizações culturais, mesmo a nível internacional, e de frentes com a cooperação entre associações operárias e associações académicas e com o protagonismo cultural de individualidades de um leque político muito vasto onde frequentemente se cruzam republicanos, sindicalistas, anarquistas comunistas, socialistas. É na Universidade que em Maio de 1933 profere a conferência. “*A Cultura Integral do Indivíduo, problema central do nosso tempo.*”

Em 1930, na reunião da direcção, propõe que sejam convidados a reunir com o Conselho, delegados dos sindicatos operários e das associações de estudantes do ensino médio e superior, convite dirigido a 71 associações operárias e a 27 associações académicas que chegarão a promover importantes acções comuns, brevemente travadas

pela repressão. Sempre na intencionalidade de incentivar a unidade contra o inimigo comum, o fascismo, Caraça propõe, em 1931, a realização, a 12 de Maio, de uma sessão na UPP, de comemoração do primeiro de maio na UPP, “*reunindo todos os agrupamentos da família operária* que se encontra dividida: Confederação Geral do Trabalho, vulgo Comissão Inter-Federal, Federação das Associações Operárias e Comissão Inter- Sindical”, proposta não aceite por estas organizações. Toda a sua notabilíssima acção na U.P.P. imprime um debate de ideias, uma unidade de diferentes ideários políticos antifascistas numa perspectiva de cultura como impulso para a mudança, que tornam este espaço uma vanguarda de divulgação literária, artística e científica, política cuja dimensão, em termos nacionais mas também internacionais, está ainda por ser devidamente estudada.

A mesma intencionalidade de frente unida contra o fascismo e pela preparação cultural das massas e do papel do intelectual como actor e mediador deste processo exprime Bento na série de conferências e escritos (mesmo os matemáticos), nas entrevistas e nos artigos que publica em diversa imprensa, nomeadamente no *Liberdade*, em *O Diabo*, na *Seara Nova* e noutros órgãos de intervenção. Como processo emancipador da vida e da consciência humanas, sobressaem os diversos projectos editoriais que tenta concretizar: a editorial *Planos* em 1931; o jornal *Globo*, funda e dirige com José Rodrigues Miguéis, a 11 de Novembro de 1933; a revista *Actualidades Filosóficas*, revista de síntese e de actualidade para a qual o desafia Abel Salazar em 1938; a revista que se intitularia *Latitudes*, *Litoral* ou *Dialéctica* dirigida por Manuel Teixeira Gomes, anunciada no *Gaúdio* em Janeiro de 1935, a revista *Litoral*, um dos projectos mais estruturados, em 1938-39; A Biblioteca *Cosmos* criada em 1941 e até à morte, e dirigida por Caraça até à morte, e administrada por Manuel Rodrigues. O projecto é concebido na prisão de Angra do Heroísmo, pouco tempo antes da transferência de presos para o Campo do Tarrafal, “inaugurado” em 1936 com 152 presos, a maior parte participantes do 18 de janeiro e da Revolta dos Marinheiros em setembro de 1936, e chegará a incluir 320 prisioneiros, dos quais 32 perdem a vida. É Bento Gonçalves, Secretário Geral do PCP, deportado para o campo em 1936 e aí morto em 11 de Setembro de 1942, que consultado por Manuel Rodrigues, senhor de algumas poupanças, lhe recomendara Caraça como o intelectual capaz de uma realização editorial única, diferente. A colecção *Temas* concebida no pós-guerra. A maior parte destes projectos não chegará a concretizar-se, apesar do intenso trabalho de planificação desenvolvido, patente vem documentação do seu

espólio na Fundação Mário Soares. O *Globo* terá uma existência breve proibido pela Censura. Só a biblioteca *Cosmos*, se constitui como uma importante e original criação editorial, incontornável expressão da história cultural do século XX, considerada a “*primeira enciclopédia portuguesa*” ou, nas palavras de Vitorino Magalhães Godinho, “*os Estados Gerais da Inteligência Portuguesa*”

A obra, de matiz simbólica, que abre a colecção, em junho de 1941, é “*O Homem e o Livro*”, de Iline. Seguir-se-ão, apesar do cerco da censura, 145 volumes, correspondendo a 114 títulos, com uma tiragem global de 793.500 exemplares, chegando a atingir uma tiragem global de cerca de um milhão de exemplares, ampla a diversidade temática expressa no plano editorial, elaborado por Caraça, abrangendo sete séries: Ciências e Técnicas, Artes e Letras, Filosofia e Religiões, Povos e Civilizações, Biografias, Epopeias Humanas, Problemas do Nosso Tempo. O preço de capa era de 2\$00, o mais barato possível. Contar ainda com 3 mil assinantes.

Na apresentação da colecção Bento conclui “*Quando acima falamos num humanismo novo, entendemos como um dos seus constituintes essenciais este elemento de valorização - que o homem, sentindo que a cultura é de todos, participe, por ela, no conjunto de valores colectivos que há-se levar à criação da Cidade Nova.*

*A Biblioteca Cosmos pretende ser uma pequena pedra desse edifício luminoso que está por construir”.*

Em torno deste programa, Bento Caraça congregará intelectuais num espectro muito amplo de pertenças e referências do pensamento da época, muitos deles já colaboradores da Universidade Popular. O projecto gráfico é do amigo Carlos Botelho. Considerada já a primeira enciclopédia portuguesa, anterior à colecção francesa «*Que sais-je?*», a Biblioteca Cosmos, produção de transdisciplinaridade, no sentido conceptual contemporâneo, contará com a colaboração, entre outros, de Adolfo Casais Monteiro, Adriano Gusmão, António Sérgio, António da Silveira, Diogo de Macedo, escultor, José Gomes Ferreira, Luís Navarro Soeiro, Manuel Peres, Mário Dionísio, Mário Neves, Orlando Ribeiro, Paulo Quintela, Ruy Luís Gomes, Vitorino Magalhães Godinho. Publicam aqui os primeiros livros, Rómulo de Carvalho, Agostinho da Silva, Irene Lisboa, Luís de Freitas Branco, Fernando Lopes Graça, Manuel Mendes, Maria Silva, Alberto Candeias, Flausino Torres, Eugénio Conceição Silva, Seabra Dinis, Ramiro da Fonseca

A divulgação da *Cosmos* será assombrosa. Ampla a sua aceitação por um público diversificado, socialmente diverso, estudantes e profissões liberais, trabalhadores do

terciário, proletariado industrial, intelectuais, igualmente ávido de uma perspectiva cultural através da qual se joga, também, a mudança social e política. Existe uma avidez, uma fome de cultura politicamente incentivada pela oposição ao regime na qual a intelectualidade assume um protagonismo assinalável.

O envolvimento mais nitidamente político de Bento Caraça coloca-se, muito cedo, inerente à sua visão do mundo. Passa em meados dos anos vinte pela Pró Pátria, associação para maçónica com uma orientação paideûtica, “*A Educação Cívica do povo sedento de Luz do espírito e da sua Liberdade*”, ligada à loja A Madrugada. Em Novembro de 1933, aparece referenciado ao lado de Rodrigues Miguéis no Núcleo de Intelectuais Simpatizantes do Partido Comunista Português. Em 1934, integra com Luís Dias Amado, Manuel Mendes, Manuel Tassara e Armindo Rodrigues, a Liga contra a Guerra e o Fascismo. Ainda nos anos trinta participa com no jornal Barricada do Bloco Académico Antifascista e na Frente Popular Portuguesa.

Ligado à intelectualidade antifascista europeia, Bento Caraça é representante em Portugal do Movimento Amesterdão –Pleyed, contra a guerra e o fascismo, constituído no Congresso de Amesterdão realizado em resposta ao apelo, publicado a 28 de Maio de 1932, no jornal *Monde*, dirigido por Barbusse, assinado por Einstein, Romain Rolland e outros, dirigido aos intelectuais para que se unissem num congresso mundial contra a guerra e o fascismo. O Congresso de Amesterdão, reunindo 2200 participantes, que durante dois dias, analisam a política imperialista da Itália, França, Inglaterra, Estados Unidos e Japão, como factor acelerador da eminência da guerra, constituiria a primeira manifestação amplamente unitária de intelectuais contra a guerra e o fascismo, prefigurando a frente unida “*avant la lettre*”. Bento Caraça é também activista no Comité Nacional Português para a Defesa da Cultura, integrado na Associação Internacional para a Defesa da Cultura

Nos anos quarenta, impulsiona o ressurgimento da APF, Associação Portuguesa para a Paz, criada em 1939, sob o impulso de mulheres antifascistas, nomeadamente feministas, particularmente para o apoio aos republicanos espanhóis. Nos anos quarenta, surge, em ligação com a APF, como protagonista decisivo no apoio internacional aos prisioneiros dos campos de concentração nazis, prestado pelo American Committee através da ligação com José Rodrigues Miguéis. E participa em várias frentes na luta contra o nazismo de que o governo salazarista é aliado mal encoberto, agudizando as condições de sobrevivência do povo português.

Pão e géneros que durante toda a II Grande Guerra (1939-1945) eram levados do país num autêntico saque para passarem a Espanha (tratados comerciais de Salazar com Franco) e dali para a Alemanha nazi e para a Itália fascista. Pão e géneros roubados às famílias portuguesas para alimentarem os exércitos nazis e fascistas avançando por toda a Europa numa repressão e mortandade sem memória, ocupando países, oprimindo a liberdade dos povos, violando a soberania das nações. Mas para as mulheres portuguesas, recolhidas num obscurantismo cerrado, analfabetas, longe das notícias sobre o que tombava no mundo, o que mais doía era a fome dos filhos. Para as mais velhas doía ainda, o recrutamento dos maridos e da prole jovem que se ia a Cabo Verde e aos Açores, por mando de Salazar a servir de dique, a favor dos alemães, contra a presença das tropas dos Estados Unidos na ilhas e Colónias. Os jornais da Alemanha nazi e da Itália fascista louvavam este recrutamento de jovens que servia os seus interesses: “*Os barcos saídos do Tejo levam os filhos deste povo sossegado e trabalhador para os Açores e Cabo Verde para que defendam as possessões portuguesas no Atlântico e na África*”. «Deutsche Allgemeine Zeitung» 1941. Idêntico elogio publicava «Il Piccolo».

Mas o povo sossegado e trabalhador perdia seu sossego vendo partir os filhos e vendo morrer de fome os que restavam, vendo as raparigas, sem trabalho à míngua de tudo, engrossar a prostituição. A situação degrada-se de tal modo por toda a parte, devido à falta de géneros, arrancado do povo por toda a parte, que a própria imprensa afecta ao regime ganha um tom de apreensão: “*A capacidade de consumo diminui. Pagam-se em certas regiões salários irrisórios conjugados com alimentação deficiente. É a fome em Portugal? E a sorte do funcionalismo? Para quê ocultarmos a gravidade da situação que nos faz entrar em período difícil para não dizer angustioso?*” (artigo do fascista Fernandes de Sousa no jornal *A Voz* 23 de fevereiro de 1941).

A ligação de Bento Caraça ao PCP, não terá sido uniforme através dos anos nem acrítica. A reacção ironicamente amarga ao pacto de não agressão germânico soviético, celebrado entre Hitler e Estaline, surge numa carta a Guida Lamy, uma das suas mais queridas amigas, discípula e colaboradora, nos estudos matemáticos e, nomeadamente no apoio aos prisioneiros dos campos. No início dos anos 40, encontra-se de tal modo desiludido, nomeadamente dada a situação no PCP, que pensa seriamente emigrar como se evidencia na correspondência com Rodrigues Miguéis.

O trabalho na Cosmos e a emergência de novas perspectivas de unidade na luta contra o

regime, reforçada com a evoluir da guerra mundial, reanimam-lhe a esperança e retomará a ligação ao PCP. Surge como um dos mais destacados fundadores do MUNAF, Movimento de Unidade Nacional Antifascista, em 1942, e do MUD, Movimento de Unidade Democrática, em 1945, de cuja comissão central será vice-presidente. A adesão popular ao MUD excede todas as expectativas: até 24 de outubro de 1945, recolhem-se 50.000 assinaturas de apoio, só na cidade de Lisboa. Perante tal movimentação, o governo salazarista suspende toda a actividade do MUD, acusado de constituir um “*elemento de subversão social*”, um “*movimento passional*” que pretende derrubar o governo e restaurar o modelo político da primeira República.

Bento Caraça é atingido por um processo disciplinar a 10 de setembro de 1946, instaurado pelo Ministério da Educação Nacional sob a acusação de antipatriotismo do manifesto “*O MUD perante a admissão de Portugal na ONU*”, subscrito por muitos democratas e do qual Bento Caraça, Vice-Presidente da Comissão Central do MUD, fora co-autor com Mário Azevedo Gomes, Presidente da mesma Comissão.

Em outubro de 1946, Bento Caraça é demitido compulsivamente da função de Professor Catedrático, afastado de uma actividade docente e pedagógica brilhante.

Por este envolvimento, no qual produz importantes documentos de análise política, alguns ainda de espantosa actualidade, sofrerá diversos interrogatórios e detenções ainda que breves dado a agravamento progressivo do seu estado de saúde. Em 1946, a 3 de abril, é sujeito a interrogatório na Pide; a 13 de Outubro, interroga-o e coloca-o incomunicável durante cinco dias numa esquadra; a 13 de Dezembro, é preso de novo, desta vez no Aljube donde sai sob fiança. Em 1948, sofre prisão domiciliária em virtude “ de correr grave risco de saúde e de vida se for obrigado a sair de casa e submetido a regime prisional “ como atesta em atestado médico, o professor Francisco Pulido Valente, estado comprovado pelo médico da PIDE, Mira da Silva que se desloca a sua casa; a 23 de Fevereiro é interrogado pela PIDE no seu domicílio; a 19 de Março, a PIDE convoca-o para a a sua sede e notifica-lhe a ilegalização do MUD.

Bento Caraça é já então casado com a segunda mulher, Cândida Gaspar, a aluna que o levou a abandonar a longa viuvez do breve casamento com Maria Octávia, que durara menos de um ano. Com Cândida, que lhe devolve a paixão e a ternura, será também breve a vida. Ele sabe-o. A doença cardíaca, já de longa data, agravava-se. Por isso o olhar de profunda ternura com que segue os primeiros passos vacilantes de João, o seu filho, é um olhar pleno de nostalgia. Nostalgia do futuro. E nas últimas fotografias antes

da morte, a 25 de julho de 1948, Bento Caraça devolve-nos o sorriso magoado dos que sabem que vão morrer.

O processo disciplinar, movido pelo governo de Salazar, que o afasta do ensino universitário, traz dificuldades económicas à família. Cândida, ela própria também perseguida, enfrenta, corajosamente, a situação. Licenciada em economia, lecciona, corre entre as aulas e a casa onde vive com Bento, o filho e o sobrinho, João, adolescente vindo do Alentejo por iniciativa do tio. Bento Caraça passa a dar lições em sua casa, como meio de subsistência.

Várias as provas de solidariedade prestadas por amigos conhecidos e desconhecidos. Em Novembro de 1946, um grupo de democratas de Lourenço Marques, perante a demissão de Caraça, cotiza-se e presta-se a enviar-lhe mensalmente a importância do seu salário como professor universitário, sublinhando que não é uma ajuda pessoal mas antes o símbolo da “ *sua solidariedade para com os companheiros da Metrópole equiparando-a ao ganha-pão que V. Ex<sup>a</sup> conscientemente arriscara e perdera ou proporcionando-lhe a oportunidade de empregar o dinheiro na luta antifascista a bem de todos*”. A 24 de janeiro de 1947, Caraça responde grato pelo apoio moral e material, sendo que opta por “*empregar o dinheiro na luta antifascista*”. Em outubro de 1947, agradece a José Maria Coelho “*a extrema gentileza que quis ter para comigo, da principesca oferta de um frigorífico*”. Os amigos procuram mimá-lo. Ildefonso Nóvoa, que fora seu aluno no Instituto, carrega uma grafonola para que Bento ouça a música clássica que o levava, apaixonadamente, aos concertos.

Em sua casa reúnem-se democratas, debate-se a vivência política, planeiam-se estratégias da oposição. Estuda ainda. Escreve. Incessantemente.

Adoece mais e mais. Amigos de longa data, vêm de longe, para o que sabem ser eles e ele – a despedida.

Porque este homem de tão intenso comprometimento político cultivou sempre o encontro com os outros. É, uma relação umbilical entre cultura e política que orienta o trajecto pessoal de Bento de Jesus Caraça e do seu grupo de amigos, onde se encontram os mais notáveis intelectuais e lutadores do seu tempo. Entre eles, o médico e professor Luís Ernâni Dias Amado, companheiro desde o liceu. Também colega de liceu, amigo profundo, Carlos Botelho que lhe (nos) devolverá os olhares mais belos da pintura portuguesa sobre a cidade e o rio, esse corpo amante de Lisboa, Rodrigues Miguéis, Abel Salazar, Câmara Reys, Ferreira de Macedo. E ainda António Lobo Vilela,



companheiro desde os bancos da escola primária. Surgem depois Manuel Mendes, um dos seus mais íntimos confidentes e Berta Mendes que serão os padrinhos de João Gaspar Caraça, filho do segundo casamento. E o médico, professor Francisco Pulido Valente, que o adopta quase como um filho.

Artistas como Avelino Cunhal, Huertas Lobo que lhe traça o perfil esvanescente, Abel Manta que esboçara o seu retrato póstumo, Mário Dionísio, Francisco Keil do Amaral, Maria Keil, Lopes Graça, Alice Manta, João Abel Manta, que lhe desenhará o perfil, Guida Lamy fazem parte do seu grupo de amigos.

Sempre que pode, escapa-se em viagens. Algumas longas e longínquas: Génova, Reims, Estrasburgo, Paris. E muitas viagens breves. Pela beira do mar, na Costa da Caparica, lugar de convivência de jogos piqueniques, manhãs e tardes entre a beira mar, os jogos, os almoços. A Sintra onde a Pensão Margarida, com Osvaldo, afilhado, filho de Dias Amado, é, muitas vezes, seu poiso. Os passeios de barco, nos avieiros, em Vila Franca, com os amigos Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Ramos de Almeida, Álvaro Cunhal, Piteira Santos, Hugo Baptista, Stella Piteira Santos, Pilar Ribeiro e outros.

Pelas aldeias de Montoito, até Ramo Alto onde ia olhar os campos do Alentejo. Pela Serra da Estrela, onde acampou vários verões e acordava ainda com as estrelas para subir aos cabeços. E Amarante, terra que distingue gulosamente pelas *Lérias*, doce tradicional, tenro de ovos, que opõe, ironicamente às lérias dos que (des)mandam no país.

As viagens a Montoito marcam o tempo de encontro com a família. E também com a terra, a aldeia, a sua gente e outra que caminha quilómetros para o consultar: a falta de emprego, o rol de doenças, as perspectivas das sementeiras, as colheitas da paz, as mudanças.

A irmã Filomena é uma referência fundamental. Admira-a profundamente, lamenta que ela não estude. E o sobrinho João, que Bento Caraça chamará para junto de si, para que escape também ao “destino” de trabalhador rural. Apoia sempre os pais. Compra-lhes a casa que não têm, após toda uma vida de trabalho na herdade da Casa Branca, da qual saem já velhos e sem reforma. Concretiza o sonho da tia Susana que na clausura de um convento tanto desejava ver o mar, uma vez que fosse.

Provoca paixões, amores mas a saudade do tempo não vivido com Maria Octávia, marca-lhe uma viuvez de 16 anos.

É um homem de muitas e, para alguns, inesperadas causas. Como exemplo a sua intervenção na campanha desenvolvida pela SPA, Sociedade Protectora dos Animais,

contra as touradas, espectáculo bárbaro e manifestando “*total identificação*” em conferência na SPA, de que será eleito sócio efectivo e comunicando a UPP ao Ministério da Agricultura “*todo o seu apoio à missão moralizadora da SPA*” conseguindo que o governo proíba, pelo menos, o uso do agulhão.

Frequenta cafés, aqueles dos muitos que desde sempre foram lugar de conjura. Gosta, particularmente, do Chave de Ouro, onde com Manuel Mendes, Dias Amado, Rodrigues Miguéis, Armindo Rodrigues e Manuel Tassara, joga bilhar e conspiram., do Café Gelo considerado “*universidade e antecâmara da revolução*”, O Nicola do Rossio, o Café Chiado, a Brasileira, menos frequente a Cervejaria Trindade. Apreciava muito um bom café, seguindo-se à bica, um cigarro que não abandona mas reduz para três por dia, depois de diagnosticada a cardiopatia. Apreciava especialmente as longas conversas com o médico Pulido Valente, no consultório no Chiado, tornado tertúlia à tardinha. Gostava de deambular pelas livrarias sempre atento ao que chegava cuidadosamente apenas para alguns.

Tinha a paixão pelo cinema. Adorava os filmes de Walt Disney tanto, embora diferentemente, como o cinema clássico. Embevecia-o Ginger Rogers dançando, esvoaçando, encantando. Não perdia as temporadas de e

Opera, os concertos de música clássica, no Coliseu, no S. Carlos, É sócio da Sociedade de Concertos e do Círculo da Cultura Musical, do qual se demite por lhe impedirem uma entrada sob o pretexto de que não trajava fato de gala. Aprecia especialmente Verdi, Wagner, Malher, Beethoven, mas os modernos atraem-no também, Stravinsky, Bela Bartok, Schoenberg, a que acede, nomeadamente, através do amigo Lopes Graça, que colaborará na divulgação musical no âmbito da Universidade Popular. conduzida por Emma Romero dos Santos, Francine Benoît e outros notáveis músicos.

É grande apreciador de teatro. E privilegia os espectáculos no **Teatro** da Trindade que Bento Caraça frequenta-o sobretudo a partir de 1944. É que, de 1944 a 1947, o Trindade, com o trabalho de grande qualidade desenvolvido pela notável companhia teatral Os Comediantes de Lisboa, irá revolucionar a cena teatral portuguesa. Destacam-se, genial, Maria Lalande, João Villaret, José Gamboa, Nascimento Fernandes, António Silva, Lucilia Simões, Assis Pacheco, Hortense Luz, a jovem Carmem Dolores e Francisco Ribeiro, «Ribeirinho», que dirige a companhia em parceria com o irmão, o realizador cinematográfico, António Lopes Ribeiro.

Viveu breve mas intensamente. E deixará uma obra invulgar. E uma invulgar saudade. Porque muitos foram os que o amaram nesse tempo de cruzamento de cumplicidades,

de militâncias e de amizades. E mais ainda os que o admiraram. Até à actualidade. Porque é tanto o muito que resta por cumprir do processo de democratização do qual a simbiose genética cultura política constituem o indispensável eixo.

Bento Caraça morre em sua casa a 25 de junho de 1948. No seu enterro, a 27 de julho de 1948, uma impressionante multidão, num impressionante silêncio, vai pelas ruas de Lisboa, de Campo de Ourique ao Cemitério dos Prazeres. Agentes da polícia política enquadram a multidão, infiltram-se nela à espera da quebra do silêncio que não sucede, e, intimidatoriamente, filmam todo o funeral, nas ruas e no cemitério. Um cortejo simbólico, uma quase coreografia, imaginada pelo amigo Fernando Piteira Santos, as jovens e os jovens, em bloco, as mãos densas de flores. Afirmando a continuidade na luta pelo mundo que Bento Caraça procurou no seu empenho cultural e político. Continuidade que se impõe ainda.

## UM ACONTECIMENTO: A CONFERÊNCIA “A CULTURA INTEGRAL DO INDIVÍDUO, PROBLEMA CENTRAL DO NOSSO TEMPO”

### CONTEXTO

A conferência “*A Cultura Integral do Indivíduo, Problema Central do nosso Tempo*” de Bento de Jesus Caraça, surge correspondendo a um convite da União Cultural Mocidade Livre. Não é ocasional que o texto mais emblemático, provavelmente o mais célebre, de Bento Caraça tenha emergido num movimento de jovens rebeldes que “*viviam os acontecimentos com intensidade, despertavam para as preocupações mais fundas, auscultavam o futuro cheios de optimismo, uniam-se para pensar*”.

Entre Bento Caraça e a juventude existiu sempre uma relação de fascínio mútuo. Para o Professor, as aulas eram naturalmente um acto de sedução tão mais conseguido quanto a matemática, à partida, constitui um terreno a que os jovens reagiam tradicionalmente com hostilidade. Para os alunos sucedia a aventura de outra forma de aprender e conhecer, conquistados pela espantosa capacidade de comunicação do mestre e pelas virtualidades da matéria desvendada. Para o cidadão Bento Caraça, os jovens representavam um protagonismo fundamental no processo de mudança social. Para os jovens, insubmissos, marginais à instrumentalização do poder, Bento Caraça afigura-se já um símbolo no qual se reconhecem. Daí o apelo da União Mocidade Livre e a adesão de Bento Caraça surgindo como quase patrono de uma organização juvenil que

procurava afirmar-se.

É em 1933 que um grupo de jovens, reunidos em Lisboa, resolvem delegar numa Comissão constituída por António de Sequeira Zilhão, António Sebastião Gonçalves, Francisco Lyon de Castro, Virgílio Rodrigues, Ramiro Farinha a organização de uma Associação denominada União Cultural Mocidade Livre, extensão do jornal *Mocidade Livre* fundado por Lyon de Castro, frente de unidade de jovens democratas antifascistas. O projecto surgira já delineado no jornal “*Mocidade Livre*”, existente desde 1931, que assim se amplia da escrita a uma acção mais vasta e organizada.

Na “*Carta Aberta à Juventude Estudiosa de Portugal e ao Povo Português em Geral*”, a organização assume como linha orientadora do “*seu labor de Cultura e Civismo - o pensamento democrático e socialista, as tarefas espirituais pela conquista de Liberdade e de Solidariedade entre os homens*”. E considerando “*na cultura hodierna o seu aspecto de utilidade colectiva e de emancipação humana*” propõe-se “*constituir também um veículo - por modesto que seja - da democratização dessa cultura, para bem do aperfeiçoamento mental das massas populares e de consciencialização das suas vagas aspirações*”. Mais uma vez, segundo uma tonalidade do pensamento oposicionista da época, a “*cultura vanguardista*” é considerada território da “*causa proletária*», que “*é a causa de todos os trabalhadores, operários e intelectuais*”.

O manifesto seria o preâmbulo do lançamento público da União Cultural. Em busca de lugar, os jovens pensam, de imediato, na Universidade Popular Portuguesa, U.P.P., cujos ideário e actividade lhes promete acolhimento e um público sensível a manifestações deste tipo.

A Universidade Popular torna-se assim o território de lançamento da União Cultural Mocidade Livre. Da série de conferências programadas realizaram-se apenas três: “*A Cultura Integral do Indivíduo*”, de Bento Caraça, a 25 de Maio de 1933, com uma assistência de 192 pessoas, transbordando a sala; “*A Nova Geração e a Crise do Pensamento Contemporâneo*”, por António de Sequeira Zilhão, a 8 de Junho, com 158 assistentes; e “*A Fisionomia Actual da Universidade*”, por Hugo Baptista Ribeiro, a 29 de Junho, com 172 assistentes. Em entrevista que me foi concedida, em 1995, Lyon de Castro, editor das Publicações Europa América, durante quase meio século, recorda “*Logo após a primeira conferência a Polícia de Informação foi falar com o Ferreira de Macedo a intimidar e depois disse "essa fita de estarem a utilizar esta Universidade contra o regime acabou". Já não foi possível realizar a quarta conferência, que era um Manifesto contra a Guerra, a meu cargo.*”

A União Cultural Mocidade Livre resiste ainda e planeia a edição dos *Cadernos de Cultura Vanguardista*, dos quais se publica apenas o primeiro volume com o texto da conferência “*A Cultura Integral do Indivíduo*”, edição impressa na Gráfica da *Seara Nova*, num gesto solidário de Câmara Reys, director da revista. Da organização juvenil só resistirá, num tempo breve, devido ao impacto repressivo do regime, o *Jornal Mocidade Livre*.

Em 1939, quando da segunda edição nos *Cadernos da Seara Nova* de “*A Cultura Integral do Indivíduo, Problema Central do nosso Tempo*”, Caraça reconhece que “*o futuro imediato não correspondeu às aspirações e impaciências desses espíritos jovens e ardentes*» que deram forma à União Cultural Mocidade Livre...”. Recusa, no entanto, a conclusão do senso comum: “*(...) foram mais algumas ilusões perdidas, dir-se-á... Não. As ilusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos, que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir, perdidos são aqueles períodos da história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta, sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída numa sombra uniforme sobre o pântano estéril da vida sem forma. Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande, que nos ultrapassa e nos requer. Sem ilusão nada de sublime teria sido realizado, nem a Catedral de Estrasburgo, nem as sinfonias de Beethoven. Nem a obra imortal de Galileu.*”

## CONSTELAÇÃO

A conferência “*A Cultura Integral do Indivíduo, Problema Central do nosso Tempo*” é indubitavelmente, o texto mais divulgado sobre a concepção de cultura que constitui o núcleo vital do seu pensamento e da sua acção social e política.

À problemática da luta de classe, paradigma clássico do marxismo acrescenta Caraça a questão necessária, indispensável da apropriação histórica da cultura, sem a qual qualquer mudança revolucionária, uma nova sociedade, seria fatalmente abortada.

Pensamento singular, original, que se insere na genealogia da filosofia de Marx, mas também na de Nietzsche, ( autor bem presente na sua biblioteca segundo o inventário manuscrito de Caraça presente no espólio) e curiosamente próximo da reflexão de Gramsci e do pensamento de Walter Benjamin, na tese sobre a Filosofia da História de 1938, pensadores que é improvável que conhecesse.

Em Caraça, vida, acção, pensamento, obra radicam nesta mesma matriz. Na

acção de vanguarda cultural na UPP, como enuncia na sessão do Conselho Administrativo em outubro de 1930, *“A sua acção deve limitar-se, se é que o termo pode ser empregue aqui, ao desenvolvimento e propagação da cultura. Cultura, sempre cultura e, se é necessário adjectivá-la, direi cultura revolucionária. Revolucionária em que sentido? No sentido de que ela deve tender a dar a cada homem a consciência integral da sua própria dignidade, o conhecimento completo de todos os seus direitos e de todos os seus deveres. Sejamos homens livres e criemos homens livres, dentro do mais belo e nobre conceito de liberdade - o reconhecimento a cada um do direito ao completo e amplo desenvolvimento das suas capacidades intelectuais, morais e materiais.”*

Na intencionalidade dos projectos editoriais, os apenas delineados e os conseguidos, de que a Cosmos se assume como exemplo máximo. E também a actividade mais abertamente política nas frentes conta a guerra e o fascismo, unindo intelectuais europeus na defesa da cultura. Os escritos nos quais se destacam as biografias (*“A Vida e a Obra de Evaristo Galois”, “Galileu Galilei, Valor Científico e Moral da sua Obra”, “Rabindranath Tagore”, “Galileu e Newton” “Abel e Galois”*) porque se inserem na evolução do conhecimento científico e cultural, que em Caraça é de natureza emancipatória, em relação intrínseca com a transformação revolucionária do social. Nas conferências mesmo nas tematicamente mais diversas. Nos escritos matemáticos aparentemente circunscritos à matemática, à ciência em geral, à História da Ciência, considerada como elemento subversivo porque manifesto da grandiosidade do pensamento. Contra o positivismo de Augusto Comte, tão seguido na época, Caraça luta contra a *“querela das humanidades”*, que engloba nos *“sinais alarmantes”*, na mutilação da cultura porque distingue as *“humanidades clássicas”* do *“humanismo científico e das humanidades técnicas.*, incluindo a estética e a ética versadas na conferência *“A Arte e a Cultura Popular”* realizada a 17 de Novembro de 1935.

Todas as ciências, as ditas exactas e as ditas humanas, visam a *“compreensão dos fenómenos naturais e sociais ( ...) compreensão que constitui uma vertente potencializadora da liberdade humana”* como dirá em 1941 em *“Os Conceitos Fundamentais da Matemática”*. Tal compreensão tem de envolver, mais e mais, os intelectuais, cuja responsabilidade social aborda, pela primeira vez, na conferência *“Cultura e Emancipação”*, na sessão inaugural do ano lectivo realizada a 5 de Outubro de 1931, no Sindicato do Pessoal da Marinha. Desconhece-se o texto integral mas nos tópicos manuscritos, Caraça escreve *“A cultura tem estado ao serviço de toda a*

*humanidade? Qual tem sido o papel dos intelectuais. O que há a fazer - cultura proletária.”*

*“O homem perante a sociedade – necessidade da sua emancipação e causas dessa necessidade. A cultura tem estado ao serviço de toda a humanidade?”*

*“O conhecimento (e num sentido mais preciso) a cultura como processo de humanização”, núcleo do texto, aqui publicado, manifesta-se, igualmente, na conferência “As Universidades Populares e a Cultura”, proferida a 21 de Março de 1931, na Universidade Popular de Setúbal e repetida a 28 do mesmo mês na Associação de Classe dos Empregados de Escritório.*

Em síntese, as obras de Bento de Jesus Caraça e não somente as que visam mais explicitamente o problema cultural, toda a intensidade da sua vivência, permanecem questionando-nos, responsabilizando-nos.

Texto actualíssimo, a *“Cultura Integral do Individuo, Problema Central do nosso Tempo”*, reflexão admirável sobre a essencialidade da cultura numa radical mudança social, não é o único, mas sim um *outro* mais na constelação do pensamento caraciano: ligação umbilical – cultura, revolução, cultura- uma nova sociedade de homens livres, de humanismo nacional e internacional. O que ainda não é.